

PATRIMÔNIO CULTURAL, TURISMO E PAISAGENS ESCRAVISTAS: UMA ENTREVISTA COM CLARISSA MARIA ROSA GAGLIARDI

Heritage, tourism and slavery landscapes: an interview with Clarissa Maria Rosa Gagliardi

Natalya Reis da Silva¹ & Danielly Lima de Oliveira²

RESUMO

Patrimônio e turismo são elementos mundialmente valorados, investigados e discutidos, o que não foi diferente no âmbito da disciplina de Tópicos Especiais em Estudos do Turismo, oferecida pelo Programa de Pós-graduação em Turismo (PPGTUR) da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP), que, dentre as atividades desenvolvidas, realizou uma palestra com a Prof^ª Dra. Clarissa Gagliardi, da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA USP). A palestra foi mediada por duas estudantes, as quais, posteriormente e de forma remota, realizaram uma entrevista com a palestrante. Assim, o presente trabalho apresenta os resultados da entrevista realizada, a qual objetivou ampliar a discussão sobre patrimônio, memória, cultura, turismo e narrativas de paisagens escravistas, fornecendo informações sobre a formação e experiência acadêmica da entrevistada.

PALAVRAS-CHAVE

Patrimônio cultural; Turismo; Memória; Clarissa Maria Rosa Gagliardi.

ABSTRACT

Heritage and tourism are globally valued, researched, and discussed elements, and it wasn't exception within the framework of the Special Topics in Tourism Studies course offered by the Graduate Program in Tourism (PPGTUR) at the School of Arts, Sciences, and Humanities of the University of São Paulo (EACH-USP). As part of the course activities, a lecture was delivered by Dr. Clarissa Maria Rosa Gagliardi, from the School of Communication and Arts at the University of São Paulo (ECA-USP). The lecture was facilitated by two students who later, remotely, conducted an interview with the speaker. This paper presents the outcomes of the interview which aims to broaden the discussion on heritage, memory, culture, tourism and narratives related to slavery landscapes. It also provides insights into the academic background and experiences of the interviewee.

¹ **Natalya Reis da Silva** – Graduada em Licenciatura em Letras-Português, pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2023), tecnóloga em Gestão de Turismo (2022), pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP). Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Turismo, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo-SP, Brasil. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5985487889151424>. E- mail: natalya.reis@usp.br

² **Danielly Lima de Oliveira** – Bacharel em Turismo, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. Mestranda em Análise Ambiental Integrada, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo-SP, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7443082033932305>. E- mail: dloliveira@unifesp.br

KEYWORDS

Cultural heritage; Tourism; Memory; Clarissa Maria Rosa Gagliardi.

INTRODUÇÃO

A discussão e reflexão acerca do patrimônio cultural tem se intensificado ao longo dos séculos. Em 1972, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) criou a Convenção do Patrimônio Mundial Cultural e Natural, que propõe incentivar a preservação de bens culturais e naturais considerados significativos para a humanidade (IPHAN, 2014).

No Brasil, já foram reconhecidos pela UNESCO 15 patrimônios culturais, sete patrimônios naturais e um patrimônio misto - Paraty e Ilha Grande (RJ): cultura e biodiversidade, em 2019, o mais recente (UNESCO, 2023). Nesse âmbito, o patrimônio também tem representado um importante recurso para o turismo, o que leva ao debate a conservação e os interesses de fruição turística.

As aproximações entre o turismo e o patrimônio cultural têm sido práticas incentivadas e orientadas no âmbito internacional. Em 1976, foi publicada a Carta sobre o Turismo Cultural, elaborada pelo Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS) como resultado das discussões do Seminário Internacional de Turismo Contemporâneo e Humanismo, que ocorreu em Bruxelas. A carta reconhece o turismo como um movimento irreversível, com impactos sobre os espaços e monumentos onde ocorre. Desta forma, prevê a valorização e preservação, quando bem orientada a atividade turística, e a necessidade de gerir e organizar os fluxos para conter efeitos negativos (Lopes & Correia, 2014a).

Os efeitos do turismo de massa são abordados na atualização da Carta sobre o Turismo Cultural, realizada pelo ICOMOS em 1999. Reconhece-se o turismo como uma atividade importante, econômica e socialmente, mas que exige estudos de impacto e pautam o desenvolvimento em consonância com a salvaguarda patrimonial e inclusão social (Lopes & Correia, 2014b).

Pensando nessa e em outras questões, a UNESCO lançou, em 1992, o programa UNITWIN (University Twinning and Networking) e, em 2002, fruto deste programa, a Rede UNESCO UniTwin Cultura, Turismo e Desenvolvimento, que visa promover a cooperação e o intercâmbio

acadêmico em áreas relacionadas à cultura, ao turismo e ao desenvolvimento sustentável. A Rede, que tem a Universidade Paris I-Panthéon Sorbonne como coordenadora, tem como objetivos (UNESCO, s.d., p. 2, *tradução nossa*):

Promover o desenvolvimento do turismo que respeite o meio ambiente e a diversidade cultural.

Garantir que a renda gerada pelo turismo seja também utilizada para preservar o patrimônio cultural e fortalecer o desenvolvimento.

Promover atividades de pesquisa, capacitação, informação e documentação para contribuir com estratégias de turismo sustentável, assegurando a conservação de longo prazo dos locais e a participação das populações locais nos projetos e nos benefícios do turismo.

Promover um sistema integrado de atividades de pesquisa, capacitação, informação e documentação nos campos da cultura, turismo e desenvolvimento.

Oferecer assessoria e conhecimento especializado para ajudar os países, particularmente no Sul Global, a implementar programas de formação, centros de pesquisa profissionalizados, projetos de desenvolvimento do turismo sustentável e sistemas digitais de informação.

Promover e desenvolver a coordenação entre universidades parceiras, a mobilidade acadêmica e a transferência de conhecimento dentro da rede UNITWIN “Cultura, Turismo e Desenvolvimento”.

A Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP) é membro ativo da Rede UniTwin desde 2013. Portanto, uma das ações de colaboração, em 2023, foi oferecer a disciplina de Tópicos Especiais em Estudos do Turismo, no Programa de Pós-graduação em Turismo (PPGTUR), ministrada pelos professores doutores Sidnei Raimundo e Thiago Allis.

A disciplina teve como objetivo principal discutir e apresentar questões contemporâneas das relações entre cultura, turismo e desenvolvimento, tendo por referências conceitos e práticas de conservação do patrimônio cultural e natural. O programa se desenvolveu semanalmente ao longo do segundo semestre de 2023 e cada aula foi constituída de uma palestra realizada por um especialista e mediada pelos próprios alunos.

Em 29 de agosto de 2023, a palestra foi ministrada pela professora doutora Clarissa Maria Rosa Gagliardi, da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, e mediada por duas mestrandas: uma no Programa de Pós-graduação em Análise Ambiental Integrada, da UNIFESP, e outra no Programa de Pós-graduação em Turismo, da EACH USP. O tema da palestra foi: “Narrativas Turísticas de Paisagens Escravistas: Práticas de Memória na Interpretação do Patrimônio Cultural”.

Silva, N. R. da, & Oliveira, D. L. de. (2025). Patrimônio cultural, turismo e paisagens escravistas: uma entrevista com Clarissa Maria Rosa Gagliardi. *Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, 17(1), e170106. <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v17ip170106>

Imagem 1. Registro da Palestra ministrada pela Profª. Dra Clarissa Gagliardi na EACH juntamente com as mestrandas



Fonte: As autoras, 2023.

Após a palestra, no dia 6 de outubro de 2023, a Profª Dra. Clarissa Gagliardi concedeu uma entrevista para as alunas, que teve duração de aproximadamente uma hora; com o consentimento dos participantes, foi gravada, transcrita e ajustada; e teve como finalidade se aprofundar na vida acadêmica e profissional da entrevistada, a qual tem se destacado na discussão sobre “Turismo, patrimônio e desenvolvimento social no Vale Histórico Paulista”, “Paisagens escravistas: narrativas turísticas como práticas de memória na construção social do patrimônio cultural brasileiro” e “Teoria e Método da Gestão Patrimonial e dos Processos Museológicos”.

A Profª Dra. Clarissa Gagliardi possui graduação (1998) e mestrado (2002) em Turismo pelo Centro Universitário Ibero-Americano; mestrado (2005) e doutorado (2011) em Ciências Sociais (Sociologia) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Master em Gestão e Valorização de Centros Históricos pela Università La Sapienza di Roma (2008). É Coordenadora do Curso de Turismo (2020-2023) e professora do Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da ECA-USP e do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da USP (PPGMus). Tem experiência na área de Turismo, com ênfase em Ciências Sociais, atuando principalmente no tema: turismo, cidade, patrimônio e museus.

TRAJETÓRIA ACADÊMICA E O DESPERTAR DO INTERESSE PELO PATRIMÔNIO

Entrevistadora 1

Conte-nos sobre sua trajetória acadêmica e suas linhas de pesquisa. Como surgiu o seu interesse por patrimônios e como isso se atrelou ao turismo?

Clarissa Gagliardi

Eu fiz turismo de graduação em uma faculdade que nem existe mais, que se chamava Faculdade Ibero-Americana, que depois passou a se chamar Unibero. Hoje, ela [a faculdade] não existe mais, e é uma pena, inclusive um amigo meu, esses dias, passou lá na Brigadeiro Luís Antônio [SP], onde ficava a Unibero, ela foi demolida, e ele me mandou uma foto. Nossa... Me deu um negócio assim “putz”, não existe mais nem o rastro do prédio. Aquele lugar era um patrimônio meu, pessoal rs.

Mas, eu fiz turismo lá. E, na verdade, quando eu escolhi turismo, eu não fazia a menor ideia do que era turismo, mas eu olhei a grade, a matriz das disciplinas e eu adorei. E o curso que eu fiz, especialmente de graduação, tinha muito historiador: o coordenador do curso era historiador e vários professores do curso eram da história. Então tinha muitas disciplinas ligadas à história da arte, problemas brasileiros, história da cultura. Vocês sabem, né? Os cursos de turismo, eles não são idênticos, algumas disciplinas são comuns, mas os cursos têm um pouco a “cara” de quem o monta, de quem o propõe. E esse curso era um curso com muitos historiadores e que me influenciaram demais.

Hoje, inclusive, aqueles que foram meus professores da graduação, os historiadores particularmente, são professores com quem eu ainda tenho contato, considero colegas e convivo com um deles na pós-graduação, damos aula no mesmo Programa. Então o perfil do curso que fiz, e dos docentes que foram minhas referências, me influenciaram demais. Assim que eu terminei a graduação eu me matriculei no mestrado, na mesma faculdade, porque eu gostei tanto do curso de graduação que eu fiz - e como era o coordenador do meu curso da graduação que virou pró-reitor e que idealizou o curso de mestrado - que eu tinha certeza que iria gostar.

Eu terminei a graduação, em dezembro de 1998, e em janeiro do ano seguinte eu já me matriculei no mestrado, eu queria continuar estudando patrimônio, porque já na própria graduação na verdade, eu fiz uma iniciação científica com um professor de geografia que me

despertou pra coisa. O professor estava estudando, na época, um processo de desertificação do Vale do Paraíba³, e ele recrutou cinco alunas de Turismo para fazer uma iniciação científica junto de um projeto que ele já tinha, que era esse projeto mais da geografia mesmo. E nós fomos para lá [Vale do Paraíba-SP] e a gente ficou encantada com as fazendas, com o casario histórico, e ali eu já me identifiquei pra “caramba” com aquilo que, eu não sabia ainda, mas para o qual eu ia me dedicar o resto da minha vida.

E quando eu terminei [a graduação] e me matriculei na pós, o meu objeto de pesquisa no mestrado já era Bananal [município do Vale Histórico Paulista, SP⁴], eu mantive o interesse lá. Naquele momento, a minha orientadora de mestrado era a professora da área de comunicação, Sarah Chucid Da Viá, então o projeto que eu fiz foi tentar entender o que aqueles prédios, aquela arquitetura histórica de Bananal, comunicava para as pessoas.

Eu fiz esse mestrado lá e, nas vésperas da minha defesa, eu descobri que o curso não seria reconhecido pelas instâncias - Capes⁵ e MEC [Ministério da Educação] - e, portanto, o título que eu estava prestes a obter não teria validade.

Assim que eu entrei no mestrado, em 1999, nesse momento, final dos anos 1990 e começo dos anos 2000, os cursos de turismo “bombavam” no Brasil, tinha muito curso de turismo. Então os cursos de turismo estavam “enlouquecidos” atrás de pessoas para darem aula nos cursos e o simples fato de eu estar matriculada no mestrado já fez com que eu começasse a receber convites para dar aula, e um desses convites foi da Anhembi Morumbi.

Eles [Anhembi Morumbi] tinham um curso de turismo bastante tradicional e um monte de turmas de turismo. Se não me engano, eram, naquele momento, duas unidades com os cursos de turismo: uma no Brás e outra na Vila Olímpia, cada campus com oito cursos de turismo, eram 16 turmas, quatro de manhã e quatro à noite em cada unidade. E eles me chamaram para dar aula, e eu comecei, eu tinha acabado de terminar a graduação e era recém ingressante do curso de mestrado e já comecei a dar aula.

³ O Vale do Paraíba é uma região situada entre os estados de São Paulo e Rio de Janeiro, conhecida pelo alto desempenho econômico no ciclo do café e pela grande presença de escravizados no século XIX (Gagliardi, 2023).

⁴ Porção do Vale do Paraíba composta pelos municípios de Bananal, Arapeí, São José do Barreiro, Areias, Silveiras e Queluz (Gagliardi, 2023).

⁵ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior é uma fundação vinculada ao Ministério da Educação do Brasil.

Eu fui para a Anhembi Morumbi e fiz uma entrevista, eu me lembro até hoje da roupa que vestia naquele dia e o quanto eu transpirei nessa entrevista. Era um dia de março, eu fui fazer a entrevista às 10 horas da manhã e, no mesmo dia, à noite eu entrei em sala para dar aula, ali começou a minha vida na universidade. Acho que nunca estudei tanto como naquele início da vida como professora! Eu jamais imaginei que iria dar aula. Eu sempre trabalhei, desde os 13 anos, mas não sabia o que faria de fato profissionalmente, eu fiz o curso porque gostei da grade curricular... Gostei de estudar e quis entrar no mestrado para continuar estudando com aqueles professores que eu admirava, e eu comecei a dar aula. Assim que eu comecei a minha trajetória acadêmica, e sempre com essa afinidade com o patrimônio.

Eu comecei a dar aula na Anhembi Morumbi, em disciplinas básicas de fundamentação teórico-prática do turismo, não era nada relacionado a patrimônio. Depois de alguns anos na Anhembi Morumbi, quando eu estava terminando esse mestrado na UNIBERO, acho que era em 2002, descobri que o meu título não teria validade, e eu tinha me inscrito para fazer um concurso na PUC [Pontifícia Universidade Católica de São Paulo], que também estava com vagas abertas para o curso de turismo.

O curso de turismo da PUC era um curso que me interessava, porque era dentro da faculdade de Ciências Sociais, era mais ou menos a “língua” que os professores da minha graduação falavam: menos comercial e mais crítico. Eu curti, eu falei “Ah, eu queria dar aula nesse curso”. Eu fui lá, prestei o concurso, passei no concurso da PUC, só que o diploma do mestrado que eu havia defendido e que usei para me inscrever no concurso, não teve validade. E então eu tive que fazer um outro mestrado para não perder a minha vaga lá. Aí eu acabei entrando no mestrado na sociologia lá na PUC mesmo, porque era a mesma faculdade que abrigava a graduação em Turismo e o fato de ser professora lá me permitia ter bolsa na pós-graduação. Lá eu comecei esse outro mestrado, agora na sociologia, mas ainda pesquisando o Vale do Paraíba.

De novo, estudei Bananal, mas comecei a estudar outra coisa: me chamou atenção o fato de, por um lado, pouca gente dar valor àquele patrimônio que tinha me chamado tanto atenção e, de outro lado, ter notado um prédio na cidade com o qual todo mundo se envolvia para preservar, que era um dos casarões da cidade, e então eu fui investigar o porquê.

Foi aí que eu tive que discutir toda a relação de pertencimento das pessoas com aquele imóvel, eu fui estudar a história da cidade, foi um outro estudo um pouco mais aprofundado e que

levantou muito essa questão de como é que as pessoas se identificam com os lugares ou não, então me aprofundi um pouquinho mais nessa coisa do patrimônio.

Eu defendi esse outro mestrado em 2005 e a minha orientadora na PUC SP, professora Lúcia Bógus, sugeriu que eu já “emendasse” o doutorado. Eu fiz o doutorado lá na Sociologia também, mas eu falei: “não vou continuar estudando Bananal, já foram dois mestrados estudando Bananal, então eu vou aumentar um pouquinho a escala”. Naquela época, tinha um programa chamado Programa Monumenta⁶, que era um programa que financiava a requalificação de centros históricos em cidades brasileiras. Quase todo o centro histórico de capital, em praticamente todos os estados do Brasil, tinha ações desse Projeto Monumenta. Então, tinha ali alguma proposta de intervenção para a renovação dos centros históricos, e era uma proposta de renovação com bastante interface com o turismo, envolvia renovar o patrimônio com a perspectiva de uso turístico, entre outros usos, mas o turismo aparecia muito.

Falei: “vou estudar que programa é esse e porque o Ministério da Cultura está se envolvendo em um projeto como esse, quais são esses patrimônios”. E, no meio do caminho, eu tive a oportunidade de concorrer a uma bolsa de um programa europeu chamado ALBAN, um programa de pós para pesquisadores latino-americanos para estudar na Europa. Eu concorri a essa bolsa, ganhei e fui para a Itália. Mas aí eu falei, estudar o Monumenta e vir para a Itália? (Não tem Monumenta na Itália).

Aí eu fui, e essa era uma bolsa atrelada a um curso de Gestão de Centros Históricos. E quando eu cheguei lá eu conheci a experiência de uma cidade no norte da Itália, que estava passando também por um processo de requalificação do seu centro histórico da sua zona portuária. E me interessei muito porque, apesar de ser uma cidade na Europa, uma realidade em geral diferente da nossa, os problemas que eles enfrentavam neste centro histórico eram muito parecidos com São Paulo, aqui já estava começando com a história da Cracolândia, e eles, em Gênova, tinham um problema com dependentes químicos que também acabaram deixando o centro de Gênova muito estigmatizado, bem parecido com aqui, e eu decidi ir para lá e conhecer o lugar.

Eu decidi mudar meu projeto de doutorado e acabei fazendo o estudo de caso da renovação desse centro histórico, e acabei ficando lá por quase dois anos. E então o meu interesse por

⁶ O Programa Monumenta foi uma iniciativa estratégica do Ministério da Cultura nos anos 2000, com o objetivo de recuperar e preservar o patrimônio histórico em conjunto com o desenvolvimento econômico e social de diversas cidades brasileiras. Disponível em: <https://cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=1457>.

patrimônio acabou sendo um pouquinho mais direcionado não a uma preservação do patrimônio por si, mas por propostas de preservar para reutilizar com alguma outra coisa, e essa reutilização muito voltada para lazer, para turismo, para usos culturais.

Então eu fui me especializando em estudar diferentes processos de requalificação dos centros históricos de áreas de valor patrimonial. No início foi uma coisa que me atraiu e depois foram aparecendo essas outras oportunidades que reforçaram e acabaram colocando muito na minha frente possibilidades de estudar reuso de edificações de valor patrimonial e isso está super associado ao turismo. Isso porque quando você pensa, por exemplo, numa zona portuária que foi construída em um determinado momento histórico, em um período de industrialização, aquele porto, aquela indústria, tinham um papel muito claro na economia. Porém, quando a gente começa o processo de desindustrialização, com um novo vetor de desenvolvimento hoje, que não é essencialmente a indústria, mas tem mais a ver com o terciário, com serviços, essas estruturas começam a ficar obsoletas, ou elas não servem mais para as novas atividades, então elas ficam lá com um valor histórico, pois elas marcam um momento importante da trajetória de várias cidades, mas sem uso. Então, o que vai acontecer com elas? Elas vão ser demolidas para dar espaço para as estruturas que atendam o mercado atual ou elas vão virar patrimônio. Então eu fui me interessando por essa prática de que usos esse patrimônio vem tendo.

Entrevistadora 2

Considerando a sua experiência tanto no Brasil quanto na Itália, quais são as suas percepções quanto às semelhanças e diferenças observadas nas abordagens de turismo, patrimônio e desenvolvimento nesses dois locais?

Clarissa Gagliardi

O curso que eu fiz na Europa, com essa bolsa, é um curso de valorização de centros históricos e era oferecido dentro da faculdade de arquitetura. Em vários lugares da Europa não existe um curso de graduação em turismo, como nós temos. O turismo é uma realidade mais presente na Europa, de forma geral, lá tem muito mais turismo do que a gente: há mais tempo, de forma mais organizada, tem uma economia mais dependente do turismo e é de fato um setor importante economicamente. Por conta disso, vários cursos estudam turismo: os cursos de economia, os cursos até de ciências sociais, mas, principalmente, os cursos relacionados à arquitetura e urbanismo, porque as cidades todas têm uma presença muito forte do turista e das infraestruturas de turismo: linhas de ônibus, fluxos, grandes percursos de uso turístico que

se misturam com a cidade. As cidades têm há mais tempo e de forma mais constante que pensar em políticas de turismo, então vários cursos pensam turismo lá, não tem muito curso específico em turismo em nível de graduação como nós temos aqui, pelo menos essa foi minha percepção. Não observei isso de forma sistemática.

Existe uma formação, acho que mais voltada para o turismo, mas muito mais no nível operacional técnico, porque tem que ter gente que opere o turismo: do ponto de vista do receptivo, da elaboração de produtos turísticos, da distribuição deste produto, do marketing - tem muita gente na área de marketing que estuda turismo -, mas o turismo está mais bem resolvido nesse nível técnico, e as outras áreas que têm interface com o turismo são difusas em outros cursos de graduação. Eu, por exemplo, fiz amizade com o professor lá da sociologia, que trabalhava em uma disciplina específica de sociologia do turismo dentro do curso de ciências sociais. Então, isso era mais comum do que a gente achar esse monte de cursos de graduação como aqui, agora já não temos mais um monte, mas a gente ainda tem cursos com a “cara” dos nossos lá da ECA [Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo], e de vocês [EACH], que também têm turismo, mas incorpora o lazer.

Então essa é uma diferença [quanto à abordagem do turismo no Brasil e na Itália]. A principal diferença é o peso que o turismo tem, de fato, nessas cidades, como o turismo é muito presente, as pessoas têm que pensar nele. Os vários profissionais que atuam na cidade precisam pensar no turismo.

E patrimônio, bom, o que posso dizer? Principalmente na Itália, país que leva muito a sério o patrimônio, não só porque eles têm camadas de patrimônio nas cidades desde o Império Romano, - você entra lá por Roma e tem as estruturas do Império Romano, imagina estruturas de 2000 anos que estão no meio da cidade, você tem uma cidade antiga, elementos da antiguidade no meio da rua, então tem muitas camadas - são cidades mais antigas, de fato, e, portanto, com populações muito mais ciosas e conscientes do seu valor, não só o valor histórico de memória, mas o valor econômico mesmo desses bens, eles sabem que milhões de turistas vão para esse lugar motivados pelo patrimônio, então eles levam o patrimônio muito a sério.

Eu me lembro que no curso que eu fiz, no trabalho de conclusão do master - lá, na verdade, é um outro mestrado, eu fiz três mestrados: um na Ibero, na PUC e esse -, a proposta que eu fiz com alguns colegas de curso, era para a região da Umbria, que é no centro da Itália, porque eles têm pequenas cidades medievais históricas lindíssimas, mas sem ninguém morando, porque são

idades que não têm trabalho, a maior parte das casas são compradas por alemães para passar as férias e as cidades ficam boa parte do tempo meio “mortas”.

Então fizemos uma proposta de instalação de painéis fotovoltaicos em uma parte das áreas agrícolas, porque se você quiser gerar energia solar há subsídios similares aos agrícolas, porque você vai usar o campo, então você consegue se valer dos mesmos incentivos. Então a gente propôs a instalação de painéis fotovoltaicos e com o excedente de energia gerada, isso seria jogado dentro da rede de abastecimento da cidade, revertendo lucro para a cidade. A cidade pode vender energia, e com esse recurso, eles utilizariam para animar, vamos dizer assim, culturalmente, através da arte, esse patrimônio dessas pequenas cidades.

E foi complicado, porque ninguém queria painel: “onde já se viu? O painel vai ‘enfeiar’ a nossa paisagem”. Então aí eu percebi que realmente a tutela da paisagem para eles é um negócio super importante. Acho que é a segunda diferença, além da formação, para o turismo é o cuidado de fato, a importância e o peso do patrimônio, principalmente o patrimônio histórico material, sem falar em patrimônio imaterial, acho que quando a gente fala em patrimônio imaterial, aí é a nossa praia, a gente [Brasil] tem mais protagonismo, mas o material na Europa é bem potente.

O VALE HISTÓRICO PAULISTA E AS PAISAGENS ESCRAVISTAS

Entrevistadora 1

Em seus estudos, nos deparamos com o trabalho no projeto de extensão no Vale Histórico Paulista. Como foi essa experiência, como ela influenciou suas pesquisas subsequentes e por que a escolha desta região específica?

Clarissa Gagliardi

Eu fui levada ao Vale por um professor de geografia na graduação e nunca mais saí do Vale, isso foi em 1995. Nunca mais saí do Vale. Aí fiz o primeiro mestrado lá, depois fiz o segundo mestrado, quando eu estava na PUC, fiz também sobre o Vale e depois eu fui para a Itália, teve um período que eu não estudei o Vale do Paraíba, que foi durante o meu doutorado. Quando eu terminei o doutorado, eu prestei um concurso e passei a ser professora na USP.

A especialidade para a qual eu fiz concurso lá na ECA eram de disciplina de Planejamento e Organização do Turismo (POT) e Políticas Públicas de Turismo. Eram disciplinas historicamente

dadas pela professora Doris Rushmann. Aí eu fiz o concurso, entrei e o trabalho nessa disciplina de POT sempre foi elaborar planos de turismo em municípios. A gente estabelece convênio com um município e elabora o Plano de Turismo deles: leva os alunos para esse município, ensina os alunos a fazer um diagnóstico, propor intervenções, elaborar um plano de turismo.

Eu entrei no Curso de Turismo da USP em 2012, então ali para 2013, 2014 eu já tinha feito dois ou três planos de turismo como professora dessa disciplina e, na verdade, ainda me incomodava um pouco ainda estar trabalhando com a escala municipal. Porque desde 2003, quando foi criado o Ministério do Turismo, houve uma proposta de mudança de escala, de planejar o turismo do município para a região. Foi criado o Programa de Regionalização do Turismo, e o Ministério, então, tentou estimular planos que fossem mais regionais e não voltados só para pequenos municípios, mas que pudessem elaborar circuitos, produtos de escala regional, estruturar regiões turísticas.

E aí a gente pensou lá no curso de turismo “pô, por que é que a gente também não começa a elaborar planos regionais? [...] os alunos vão ter que trabalhar nesse mercado que está se regionalizando. Então por que não agregamos isso na formação e ensina os alunos a fazer - ensina não, aprende também, porque a gente também não sabia elaborar planos regionais. Ah, legal. Mas com qual região que a gente vai trabalhar?”.

Como eu era professora da disciplina, que região eu conhecia melhor? Vale do Paraíba. Aí voltei para Bananal, e eu tinha contatos, porque fiquei anos trabalhando lá. Então eu contatei as pessoas de novo e aí a gente fez o plano de turismo de São José do Barreiro, de Bananal, acabamos fazendo o plano de turismo de quatro ou cinco municípios ali do Vale Histórico.

Só que, é claro, eu não pude voltar para o Vale do Paraíba e olhar aquele lugar só como professora, e fui olhar como é que aquelas questões que eu tinha pesquisado estavam anos depois. E, uma coisa que já tinha me chamado atenção, no mestrado na PUC, porque quando eu fiz o mestrado lá na Ibero era uma pós-graduação em turismo que eu direcionei para a comunicação, mas eu não tinha me dado conta do quanto a cidade comunicava uma história da elite do café, isso foi ficar mais claro para mim quando eu fui para as Ciências Sociais, porque quando a gente vai para ciências sociais o olhar fica mais crítico, a gente aprende a problematizar mais.

Então foi lá, isso eu devo muito à PUC, não só à PUC, eu devo isso às Ciências Sociais, essa minha vertente crítica ao próprio turismo. Isso veio muito por conta da minha passagem pelas Ciências Sociais, e além de eu ter feito Sociologia, lá é um lugar muito crítico, é um lugar super “combativo”, então eu respirava muito esse ar lá dentro. Então, ali também é que eu fui me dar conta, “pô, mas esse lugar é um lugar que não fala do negro escravizado”, e aquela economia e todo aquele patrimônio foi constituído no período cafeeiro, período onde houve mais escravidão no Brasil, falei: “bom, não posso deixar de pensar nisso”.

E isso já me chamou atenção, está lá no meu mestrado. Depois eu publiquei esse mestrado feito na PUC, virou um livrinho que se chama “As cidades do meu tempo”⁷, a FAPESP⁸ financiou e eu publiquei. Já tem lá o germe dessa discussão toda. Então, quando eu voltei com os alunos, isso já em 2015/ 2016, eu falei: “eu vou aproveitar que eu estou fazendo trabalhos com os alunos aqui, e vou ver se eu encontro a população negra para entrevistar”. E aí eu voltei a fazer pesquisa no Vale, um pouco na carona dos alunos.

E depois de a gente passar quatro ou cinco anos no Vale fazendo planos de turismo e retornando para lá várias vezes, eu decidi fazer um webinar. Estava no meio da Pandemia, eu acabei pedindo recurso para o CNPq⁹, para um projeto de desenvolvimento social no Vale. Consegui o recurso e, com esse recurso, eu promovi esse seminário que gerou essa publicação no meio da Pandemia. Convidamos pessoas do Vale para contar um pouco o que que tinha sido a passagem do Curso de Turismo da USP por lá, em que medida os planos que os alunos fizeram e as questões que a gente levantou, as audiências públicas que realizamos com a comunidade, queria saber se aquilo tinha ficado como um legado para o município. Porque às vezes a gente vai, o aluno vai e estuda, faz questionário, vai embora e morre a história.

Então eu fiz esse seminário virtual querendo saber e perguntar para as pessoas sobre como havia reverberado nosso trabalho. Eu chamei o secretário de turismo de Bananal, presidente do COMTUR [Conselho Municipal de Turismo] de São José do Barreiro e alguns alunos que tinham participado, que fizeram projetos interdisciplinares na região. A gente fez uma mesa de debates, e foi muito legal: um dos participantes falou que, de fato, a USP tinha deixado um legado tão bacana e o COMTUR deles tinha ficado muito mais ativo, se tornado um COMTUR deliberativo

⁷ Gagliardi, C. M. R. (2011). *As cidades do meu tempo: turismo, história e patrimônio em Bananal*. São Paulo: Annablume; Fapesp.

⁸ Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

⁹ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

e que estava conseguindo investir dinheiro que, historicamente, não passava pelo crivo deles, e que o COMTUR começou a opinar sobre o uso dos recursos. Então foi legal por um lado para a gente ver que o trabalho de planejamento tinha deixado sementes lá, como também foi possível, de novo, discutir o quanto essa questão da memória da escravidão é mal trabalhada no Vale.

Então esse livrinho, esse ebook sobre o Vale Histórico Paulista¹⁰, fala um pouco dessa nossa passagem. Na verdade, o livro é a transcrição das apresentações e dos debates que aconteceram durante esse seminário. E aí, o que aconteceu... Eu mudei um pouco a minha área lá no curso de Turismo da ECA. Fizemos internamente uma redistribuição de disciplinas no curso e eu assumi a área de patrimônio, porque aí o professor que dava história no Curso se aposentou e eu já tinha esse histórico de trabalhar com patrimônio, então eu assumi as disciplinas dele.

E com isso eu falei: “vou agora botar uma pedra em cima do Vale, não vou mais fazer nada no Vale, vou mudar... mas eu ainda não escrevi nada mais contundente sobre isso que eu penso, sobre como o turismo não fala do negro escravizado, ou pelo menos não fala numa perspectiva positiva de resistência, de um grupo cultural que construiu aquele lugar, que deixou o seu legado. Quando muito, apresenta a partir da demonstração da violência causada a essas pessoas enquanto estiveram lá, principalmente nas fazendas”.

Então decidi fazer esse artigo. Eu tinha visitado várias fazendas de novo, tinha visto a mesma narrativa que eu via desde quando eu ia nos anos 90 para lá, não tinha mudado. Aí eu fiz esse artigo¹¹ para os anais do Museu Paulista. Com isso, eu considero a minha vida no Vale encerrada, porque agora eu estou com um outro projeto - que eu falo que não tem nada a ver, mas, no fundo, tem um pouquinho -, que é um projeto que eu estou coordenando agora sobre patrimônio industrial em São Paulo. Eu falo que não tem nada a ver porque patrimônio industrial, região metropolitana de São Paulo não é patrimônio do café no Vale do Paraíba. Mas por um lado nesse novo projeto tem um interesse na memória do trabalhador, que também é uma outra figura invisível. Quer dizer, se fala do Matarazzo se fala dos grandes industriais aqui de São Paulo, mas o operário, o trabalhador, sua existência é pouco presente na memória

¹⁰ ECA/USP, CNPq, & CETES. (2021). *Turismo no Vale Histórico Paulista: debatendo experiências integradas de ensino, pesquisa e extensão*. São Paulo: ECA/USP, CNPq, CETES. Disponível em: <https://www.topofilosofia.net/ebook/#/reader>.

¹¹ Gagliardi, C. M. R. (2023). Narrativas turísticas de paisagens escravistas: práticas de memória na interpretação do patrimônio cultural do Vale do Paraíba, SP. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, 31, 1–26.

coletiva. Então, de alguma forma, de novo estou trabalhando com um grupo que é de certa forma também invisibilizado. Assim como é um pouco o negro escravizado no Vale do Paraíba e, mais do que isso, o que a gente está pretendendo é discutir a possibilidade de reutilizar esses imóveis do patrimônio industrial em São Paulo para funções sociais. Funções também voltadas a populações que estão pouco representadas no patrimônio. Então, de alguma forma, de novo, estou olhando para um grupo não valorizado ou não representado, vamos dizer assim, pelo patrimônio hegemônico. Por esse patrimônio monumental, que marcam os grandes feitos, os grandes heróis.

Entrevistadora 2

Quais os desafios na construção das narrativas turísticas de paisagens escravistas, como o turismo pode contribuir para reverter esses desafios e como esse processo se relaciona à reparação histórica?

Clarissa Gagliardi

Eu acredito que quem tem que protagonizar isso é a população negra, o movimento negro. Isso, de certa forma, garante que o respeito às memórias seja considerado. Quem está falando, quem está pensando numa forma ideal de apresentar esses lugares ou pelo menos numa forma de apresentá-los, que leve ao público informações que ele desconhece.

Por que eles foram escravizados é sabido, né? É. Mas quem eram essas pessoas? Inclusive em Bananal, tem registros de uma orquestra toda composta por escravos. Você imagina uma pessoa que sofre como escravo, aprende a tocar um instrumento clássico e compõe uma orquestra? Então, inclusive, estamos falando de pessoas talentosíssimas. E que, não obstante todo o sofrimento, conseguem interpretar uma música, né? Consegue transmitir ali uma emoção pela música. Então, quem são essas pessoas? Não, essas pessoas não têm nome, não tem rosto, não se sabe sua origem. Você sabe tudo sobre um “barão no café”, você sabe o mobiliário que ele tinha, para onde ele viajou, o que seus filhos fizeram, onde estudaram. A gente não sabe nada sobre esses escravizados. De onde eles vieram, quem eles eram, que ofícios eles desenvolveram como carpinteiros, como músicos, como um sapateiro, cozinheiras, quituteiras, dentre outros.

Eu acho que o desafio na construção dessas narrativas é a inclusão efetiva dessa população, porque eles estão aí. Estão aí, inclusive, são maioria no nosso país. No último censo [2010], autodeclarados pretos e pardos superaram 50% da população. Então, essa população está aí, por

que ela mesma não pode protagonizar essas narrativas? Acho que é uma forma. Tem todo um movimento de Afroturismo, e falo um pouquinho disso lá no artigo. O próprio presidente da Embratur¹², Marcelo Freixo, parece estar muito empenhado em transformar o Afroturismo em um segmento importante aqui no Brasil.

Estamos em um momento em que se pedem ações de reparação, um momento revisão das cotas na universidade, o movimento negro ganha força, não obstante o racismo estrutural que a gente tem. Então, o mercado de turismo precisa se abrir mais a esse tema, a essas populações e a inserção desses profissionais. É uma maneira de construir narrativas sobre essas paisagens, que sejam mais sensíveis, mais plurais, mais diversas e que fujam desse padrão de mostrar sempre o herói, que sempre é o modo de operar. E eu acho que isso é, em si, uma ação de reparação. Quer dizer, recuperar essas histórias e dar visibilidade a elas, valorizar essas pessoas e falar efetivamente da escravidão.

O Brasil foi o último país que aboliu a escravidão e talvez tenha sido o país que mais recebeu negros escravizados no mundo, então precisamos falar sobre isso. A gente tem, em [1850], uma lei de terras no Brasil¹³ que praticamente definiu, a partir dali, quem teria direito à terra e quem não teria. Isso deixou de fora uma população que fora recém-liberta da escravidão e que até hoje é a maioria da população pobre que não tem direitos, não tem acesso à moradia na cidade. Quando você olha os dados de violência, os dados de exclusão social, os dados de vulnerabilidade, onde a cidade é preta, onde a cidade é branca, essas diferenças são explícitas.

Há estudos que mostram, por exemplo, em São Paulo como bairros mais ricos são predominantemente brancos e o quanto são pretas as periferias. Isso está no mapa da cidade. Então tudo isso tem a ver com esse processo de escravidão, então no caso do Vale Histórico, o turismo, ao invés de apresentá-lo como um conjunto de cidades cortesãs, mostrando toda aquela arquitetura dos barões e tudo mais, poderia falar desse tema da escravidão, né? Isso é uma forma do turismo promover reparação, um turismo comprometido com a memória. Um turismo que cumpre um dever de memória, veja bem, não é só o historiador que tem o domínio sobre a escrita da história. Porque a gente não pode também entender o turismo como um vetor de disseminação de histórias, de informações, de dados? Ele é. A gente aqui não tem muito turismo, mas em vários lugares do mundo o turista vai, faz um roteiro, aprende sobre a história

¹² Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo.

¹³ Texto na íntegra em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L0601-1850.htm.

do lugar. Muitas vezes, é ali, naquela experiência de viagem. Não é porque ele leu, não é porque estudou. Então o turismo é um vetor. Eu acho que quando a gente tem esse compromisso como profissional do turismo, como pesquisador, como alguém que vai dar subsídios para a elaboração de produtos e informações turísticas, podemos ajudar. A gente pode trabalhar por uma causa que para a gente é muito importante.

Entrevistadora 1

Ainda sobre o artigo¹⁴, há uma fala de Carlos Lemos (1999, p. 143) de que “não chega a ser um destino melancólico, mas lá, agora [uma das fazendas do Vale], os visitantes, por maior imaginação que tenham, jamais poderão conjecturar a respeito das atividades ali desenvolvidas outrora enquanto degustam leitoas assadas regadas a cerveja”. É possível que a demanda turística do destino seja alterada mediante novas abordagens turísticas, isto é, com ações que, diferente do que ocorre atualmente, valorizem a memória dos negros escravizados. Essa possível alteração no cenário da demanda turística foi considerada em seus estudos?

Clarissa Gagliardi

Então, esse é um dos objetivos, né? Porque quando a gente muda um pouco o produto, não sei se há essa força de você atrair uma nova demanda, mas o que pode acontecer é também termos mais um compromisso de formação desse turista. Você qualifica um pouco a sua demanda porque aí esse cara fica mais crítico quando ele for para outros lugares. Também é um trabalho pedagógico, se podemos chamar assim esse turismo, então, ele pode atrair novos públicos? Talvez o próprio público afro, até porque, nas entrevistas que fiz com os profissionais que trabalham com afroturismo, eles contam que começaram a trabalhar com afroturismo exatamente para atender também o público preto.

Então são produtos que valorizam essa memória negra e que também atendem, acabam se voltando bastante também para esse público. Então você acha que alguém que tem na cor da pele a memória dessa violência vai pra Bananal visitar uma fazenda daquela e escutar aquelas narrativas, né? Não sei o quê ela provoca. Agora, se você tem uma fala mais crítica, que traz informação, que coloca como um protagonista da história desse lugar o negro? Aí, acho que

¹⁴ Gagliardi (2023).

muda um pouco, né? Você começa a atrair também esses outros públicos, então é sim, não é só possível que seja alterado, a gente quer que altere.

Não é que a gente quer que altere quem vá lá, mas queremos primeiro uma pluralidade de narrativas. Que essa narrativa baseada no legado da elite não seja predominante, ou seja, exclusiva, né? A gente quer uma pluralidade e com essa pluralidade a gente pode não só qualificar mais a demanda que já frequenta, mas atrair novos públicos. As duas coisas estão no horizonte deste tipo de perspectiva de turismo.

Entrevistadora 2

Existem movimentos internacionais em torno da temática de valorização de paisagens escravistas?

Clarissa Gagliardi

Existe, principalmente nas regiões dos Estados Unidos onde estão as plantations¹⁵. Eu menciono um pouquinho isso no artigo, porque eu fiz um balanço de autores que têm estudado isso de forma sistemática nos Estados Unidos. Embora a população negra nos Estados Unidos não chegue a 20%, é praticamente 1/3 da nossa e, mesmo assim, existe um movimento muito forte de afroturismo lá, muito mais forte do que aqui, então tem mais produtos.

Alguns dos pesquisadores que eu estudei para fazer esse artigo contam de visitas que eles fizeram a mais de 100 dessas plantations que foram convertidas para uso turístico. Algumas viraram museus, espaços para eventos, são fazendas abertas à visitação, circuitos históricos etc. E eles comparam aquelas que são administradas por brancos àquelas que são administradas por negros, e eles contam que a narrativa é completamente diferente. Então você vai naquelas administradas por brancos e eles são capazes de falar de tudo, né? Eles falam do mobiliário, da arquitetura, do tipo de vidro utilizado da pintura, do afresco¹⁶ e nada de negro.

Então, existem pesquisas já há mais de 20, 30 anos, sistemáticas, acumuladas sobre esses lugares. E é interessante que algumas dessas pesquisas mostram, eu não sei se até por conta da visibilidade dos resultados dessas pesquisas, que aí então tem feito esses proprietários olharem para os seus negócios e incorporarem uma perspectiva mais crítica, contemplarem realmente

¹⁵ Fazendas agrícolas baseadas na monocultura, dedicadas à produção em larga escala de cultivos comerciais e que, historicamente, se utilizam de mão de obra escrava.

¹⁶ Tipo de arte.

essa história, essa memória negra nos seus equipamentos, em seus atrativos. Eu não sei se isso tem a ver com o resultado de pesquisa ou com a opinião pública, com críticas, com o próprio movimento [negro].

A gente viu o que aconteceu com o George Floyd nos Estados Unidos, vimos um levante contra aquela violência, uma coisa que acontece no Brasil quase todo dia, mas que parece não escandalizar ninguém, né? E lá, no entanto, isso provocou as pessoas a saírem às ruas. Então ali existe, de fato, uma mobilização social mais forte para essa questão racial. Historicamente, se a gente pegar desde a morte do Martin Luther King, nos anos 60, quer dizer, a gente tem conflitos urbanos, muito envolvendo a questão racial, a exclusão dos negros de vários âmbitos da vida política e cultural americana, então isso é muito forte lá. Portanto, as pesquisas sobre turismo acabam incorporando mais também a discussão racial. Aqui temos estudos incríveis sobre a escravidão, mas ainda não muito incorporados pelos estudos turísticos.

Os principais pesquisadores que eu identifiquei que estudam essa temática que relaciona turismo e escravidão lá são geógrafos. São geógrafos que estão discutindo quanto o turismo tem sido capaz de mudar a percepção sobre esses territórios, sobre o que eles significam, é muito legal. Tem um pesquisador, por exemplo, que mencionei no artigo¹⁷, Benjamin e Alderman¹⁸, estudou uma dessas fazendas que viraram museus e que começou a trabalhar com história oral, eles pegaram depoimentos de descendentes de escravos e as histórias de vida dessas pessoas estão sendo utilizadas em ambientação histórica dentro dos museus. Ele conta o quanto isso tem feito diferença na forma como essas pessoas passam a entender a presença do negro e o papel dele na história social, econômica, desses lugares. Então são resultados importantes desse ponto de vista da potência do turismo crítico.

Tem muita gente aqui [no Brasil] que estuda a escravidão, existe uma bibliografia vasta, com pesquisas incríveis, por exemplo, o professor Rafael Bivar Marquese, da história da USP, tem produções fantásticas no campo da cultura, material mesmo, dos escravizados aqui e é muito interessante, mas não no turismo, entendeu? Não vejo tanta gente do turismo estudá-lo. Tem até gente que estuda um pouco essa relação de turismo com memórias traumáticas, mas não exatamente a escravidão. Porque esse tema das memórias traumáticas, das heranças difíceis,

¹⁷ Gagliardi (2023).

¹⁸ Benjamin, S., & Alderman, D. (2017). Performing a different narrative: museum theater and the memory-work of producing and managing slavery heritage at southern plantation museums. *International Journal of Heritage Studies*, 24(3), 270–282.

existe vários termos para se referir a isso, tem gerado estudos envolvendo museus, por exemplo, e tem alguma aderência como turismo, mas é mais um trabalho a partir da museologia, do patrimônio cultural.

Toda essa perspectiva decolonial que contesta essas narrativas dominantes e que tenta trazer à tona o índio, o negro, um pouco assim, essa nossa história, acaba envolvendo um pouquinho algumas pessoas de turismo. Eu que estou lá na Museologia, vejo como o pessoal dos museus está cada vez mais interessado por isso. No entanto, não é esse tipo de pesquisa que fala para o profissional de turismo, que produz alguma coisa que tenta chegar no profissional que reproduz para o turista, sabe? Eu tento fazer um pouco isso.

PERSPECTIVAS SOBRE A SALVAGUARDA PATRIMONIAL

Entrevistadora 1

Considerando a sua ativa atuação na linha de pesquisa de Teoria e Método da Gestão Patrimonial e dos Processos Museológicos, bem como o seu trabalho no que se refere à valorização de memórias apagadas, qual é a sua visão sobre o sistema de Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial Cultural e Natural, da UNESCO¹⁹, de 1972, que vem servindo de referência para países e regiões inscreverem seus bens em busca de reconhecimento, valorização e, em grande medida, aproveitamento turístico?

Clarissa Gagliardi

A resposta que eu vou dar para esta pergunta tem um pouco a ver com o que eu acabei de falar. Esse movimento decolonial e de reparação vem se fortalecendo, eu até falo um pouquinho lá no artigo²⁰ que tem a ver também, com o Holocausto e a forma como este acontecimento histórico acabou fazendo com que outras atrocidades do passado fossem revisitadas. Não só o Holocausto, mas também as ditaduras, a própria escravidão. E quando essa convenção foi feita, em 1972, primeiro, estava muito imbuída de uma discussão ambiental que estava começando a acontecer nos anos 1970.

A primeira grande convenção para discutir questões ambientais aconteceu em Estocolmo, em 1972. Então essa convenção, ela vai recomendar preservar não só o patrimônio cultural, mas

¹⁹ Texto na íntegra disponível em: <https://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>.

²⁰ Gagliardi (2023).

também natural, que foi uma novidade nessas cartas patrimoniais. E também trouxe à tona esse conceito de patrimônio mundial, tentando mobilizar o mundo todo, porque a gente também tem que lembrar que em 1972 faz pouco tempo ali do fim da segunda guerra, de toda a destruição, da própria criação da ONU, da UNESCO. Então, de alguma forma, é uma convenção que tenta levar esse compromisso da preservação pro mundo, para que essas iniciativas não fiquem restritas aos países e suas comunidades, mas na verdade, se cria um pouco esse conceito de patrimônio da humanidade, para o qual o mundo todo deve trabalhar para a sua preservação.

No entanto, ali, muitas questões não estavam postas. Então, no ano passado [2022], essa convenção completou 50 anos e essa rede de profissionais que trabalha com a Unesco e que trabalha com sítios do patrimônio mundial programou uma série de debates que aconteceram ao longo do ano de 2022. Eu inclusive deixei o link²¹, né para vocês, na disciplina²²? E é muito interessante acompanhar essas mesas de debate porque você vê que eles tratam de questões muito candentes hoje, mas que há 50 anos não estavam colocadas. Por exemplo, os patrimônios que estão em risco por conta do aquecimento global, as memórias difíceis. Quantos patrimônios da humanidade expressam memórias traumáticas ou representam diversidade cultural? Quanto ao patrimônio mundial, se olhar a lista²³ [de patrimônio mundial da Unesco], o quanto ela representa a diversidade cultural, de gênero e territorial? Todos os países estão contemplados? Quantos países têm patrimônios tombados? Os patrimônios tombados nesses países estão concentrados em que tipologia, em que período histórico? Então, tudo isso mostra um certo desequilíbrio, um certo “privilegiamento” de algumas memórias, de alguns países, de algumas histórias.

Então tudo isso foram questões discutidas, é muito legal assistir esses debates por que eles mostram, então, a necessidade de atualizar essa convenção para as pautas de hoje. Assim, o patrimônio, os museus, expressam muito isso, os problemas, essas grandes discussões da sociedade reverberam muito nos museus, na verdade, no próprio patrimônio. Então, não é à toa que hoje os museus também estão sendo chamados a falar sobre a mulher, sobre gênero, clima, questões urbanas, racismo, a praticar uma linguagem decolonial.

²¹ Debates disponíveis em: <https://www.ourworldheritage.org/2021debate>.

²² Disciplina de Tópicos Especiais em Estudos do Turismo, ofertada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade de São Paulo, em 2023.

²³ Disponível em: <https://whc.unesco.org/es/list>.

Na minha visão é claro que qualquer mobilização para preservação patrimonial é interessante, é bem-vinda em qualquer escala, na escala global é um tanto melhor. Agora, olhando pra ela, acho que espelha um pouco essa correlação de forças. A hegemonia de alguns países, então, é mais uma referência para a gente olhar a “contrapelo”, como diria Walter Benjamin²⁴. Olhar a “contrapelo” é buscar aquilo que não está aparente. Você explora o lado contrário, e vai vendo o que não aparece, então é olhar o que é essa lista do patrimônio mundial é tentar ver o que ela não tem! Então aí a gente vai tentando preencher as lacunas ali. Eu acho que ela [a Convenção da UNESCO] é super importante, além do que, não é só uma questão simbólica que está representada ali naquela lista, mas a UNESCO efetivamente colabora para essa preservação mundial, então eles têm vários programas de assistência a países que precisam de suporte para preservar, sabe que sozinhos não conseguem, como países em guerra.

Então, é um organismo que colabora para manter o Patrimônio, embora ele expresse um pouco essa correlação de forças desigual. É a mesma coisa que a gente olhar os museus tradicionais que contam a história das nações, aqueles museus clássicos, eles têm um tipo de narrativa. Claro que hoje eles também estão sendo chamados a diversificar um pouco mais essas narrativas, como o Museu do Ipiranga faz isso muito bem na sua reinauguração, mas é um pouco como a gente olhar a lista da UNESCO. Se você olhar, consegue identificar quem é quais histórias estão melhor preservada ali e quantas não estão. Então, eu acho que ela é interessante dos dois lados, seja do lado do que ela preserva, seja do lado do que ela sombreia, porque isso também é um norte para a gente trabalhar.

Vi com muitos bons olhos esse balanço de 50 anos depois que mostra que de fato é universal essa preocupação com a diversidade, com a pluralidade, com a inclusão social, com a reparação histórica. Tá todo mundo muito consciente disso e consciente de quanto essa lista não dá conta de todas essas questões.

ENCAMINHAMENTOS E RECOMENDAÇÕES ACERCA DA PESQUISA SOBRE PATRIMÔNIO

Entrevistadora 2

²⁴ Walter Benjamin (1892-1940) foi um filósofo, crítico literário e teórico cultural nascido em Berlim, na Alemanha. Disponível em: <https://www.boitempoeditorial.com.br/autor/walter-benjamin-240>.

Você pretende continuar trabalhando na temática sobre as narrativas turísticas de paisagens escravistas? Quais as suas expectativas?

Clarissa Gagliardi

Eu acho que não, mas é um tema que me persegue. Acho que eu nunca mais vou falar e, de repente, ele ressurge. Hoje, não estou mais voltada para isso, mas é um tema que me interessa, que ficou comigo muito tempo, então, obviamente que se houver uma outra oportunidade... No entanto, não é uma coisa a qual eu estou me dedicando agora.

Entrevistadora 1

Com base na sua vasta experiência, quais as principais lacunas que você enxerga, atualmente, onde poderiam contribuir estudantes e pesquisadores do campo do patrimônio e desenvolvimento urbano?

Clarissa Gagliardi

Primeiro, juntar as duas coisas, quem conseguir ajudar a juntar já está ótimo. Patrimônio com desenvolvimento urbano são políticas que andam separadas, do mesmo jeito que a habitação e patrimônio, da mesma forma que as políticas antirracistas, patrimônio e cidade, desenvolvimento urbano, essas coisas não andam juntas. Então, o interessante da formação em turismo é que a gente tem uma formação ampla, né? Genérica, que nos permite olhar um pouco de cada coisa.

Então, se a gente puder se aproveitar dessa especificidade, de olhar um pouco todo, porque quando a gente pensa em turismo a gente tem que pensar na cidade, no patrimônio, na questão ambiental, na mobilidade. Isso nos dá um pouco dessa possibilidade de pensar políticas conjuntas que talvez outros profissionais não consigam, então, eu acho que, talvez, uma contribuição interessante desse profissional é através do turismo estimular essa integração. Isso para gerar um turismo que seja inclusivo, que cumpra uma função social, que ao mesmo tempo que gera emprego e renda, colabore para a qualificação da cidade, porque, afinal, aqueles equipamentos e infraestruturas que o turista usa são as mesmas que os habitantes usam.

Portanto, se tiver uma motivação maior para o gestor público investir em mobilidade por causa do turismo, tanto melhor que envolva o habitante. Então, eu acho que essa seja, talvez, uma

Silva, N. R. da, & Oliveira, D. L. de. (2025). Patrimônio cultural, turismo e paisagens escravistas: uma entrevista com Clarissa Maria Rosa Gagliardi. *Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, 17(1), e170106. <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v17ip170106>

contribuição muito interessante, porque esse profissional consegue encontrar maneiras de integrar áreas que vão favorecer tanto a cidade melhor - melhor em todos esses aspectos da justiça social, da democratização do acesso aos bens culturais - quanto de uma experiência de qualidade, segura. Eu acho que é aí que o estudante, o pesquisador, o profissional de turismo pode contribuir para um mundo melhor. Bem utópico, assim, esse meu final, né? Mas, sabe, um pouquinho por vez.

REFERÊNCIAS

- Benjamin, S., & Alderman, D. (2017). Performing a different narrative: museum theater and the memory-work of producing and managing slavery heritage at southern plantation museums. *International Journal of Heritage Studies*, 24(3), 270–282. [Link](#)
- ECA/USP, CNPq, & CETES. (2021). *Turismo no Vale Histórico Paulista: debatendo experiências integradas de ensino, pesquisa e extensão*. São Paulo: ECA/USP, CNPq, CETES. Recuperado em 16 de outubro de 2023, de [Link](#)
- Gagliardi, C. M. R. (2011). *As cidades do meu tempo: turismo, história e patrimônio em Bananal*. São Paulo: Annablume; Fapesp.
- Gagliardi, C. M. R. (2023). Narrativas turísticas de paisagens escravistas: práticas de memória na interpretação do patrimônio cultural do Vale do Paraíba, SP. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, 31, 1–26. [Link](#)
- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). (2014). *A Convenção do Patrimônio Mundial*. Portal IPHAN. Recuperado em 16 de outubro de 2023, de [Link](#)
- Lopes, F; Correia, M. B. (2014a) *Carta sobre o Turismo Cultural*. In *Patrimônio Cultural, critérios e normas internacionais de proteção*. Editora Caleidoscópio, Casal de Cambra, 2014, p. 203-206, [Link](#)
- Lopes, F; Correia, M. B. (2014b) *Carta sobre o Turismo Cultural*. In *Patrimônio Cultural, critérios e normas internacionais de proteção*. Editora Caleidoscópio, Casal de Cambra. [Link](#)
- Programa Monumenta. (s.d.). *Cronologia do Pensamento Urbanístico*. Recuperado em 16 de outubro de 2023, de [Link](#)
- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). (2023). *Lista de Patrimônio Mundial da UNESCO*. Recuperado em 16 de outubro de 2023, de [Link](#)
- UNESCO (n.d.). *UNESCO Chair and UNITWIN-UNESCO Network “Culture, Tourism and Development”*. University of Paris 1 Panthéon-Sorbonne, IREST. [Link](#)